CONHECIMENTOS UTEIS.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

398 A instrucção publica vai tomando n'este nosso Portugal um aspecto bastante lisongeiro, graças ao desejo que a nova geração geralmente mostra por este meio de assegurar uma glória, que nem revezes da fortuna, nem dissensões politicas podem destruir, uma vez alcançada.

No entanto ha um ramo d'esta instrucção, que mui atrazado se acha, e que todavia o mais interessante se nos affigura para o progresso de uma verdadeira e solida civilisação. Queremos fallar da instrucção primaria.

O relatorio do conselho superior de instrucção, ja publicado (*) pela imprensa, é o documento official em que nos fundâmos para affirmar o que levâmos dito, e que todos os que houverem vivido fóra de Lisboa e Porto, bem sabem ser verdadeiro, quando nos mostra estarmos inferiores a todas as demais nações da Europa, excepto a Russia e Polonia.

Os recursos do estado estão de modo que propôr installações de cadeiras em todas as localidades, em que o interesse publico o exigisse, seria propôr um impossivel. Alem d'isso ter bons mestres que sacrifiquem o seu tempo a um ensino tam util mas de tam pouca representação, sem receberem mais do que o mesquinho onorario, que hoje percebem, e que de certo pouco ou nada poderá ser augmentado, é outro impossivel.

Portanto laborâmos hoje em duas difficuldades, que por conhecidamente invenciveis, não devem ser combatidas de frente, mas torneadas.

Falta de meios para cubrir as despezas, falta de homens habilitados para empregos, de cujo exercicio depende a base mais segura da felicidade de um povo, como é o derramamento de verdadeiras e uteis luzes.

Mostremos uma senda que nos parece tornear a posição em que se acha acastellada a nossa insufficiente instrucção primaria. A outros incumbe o tental-a, approval-a, regeital-a, ou nem mesmo occupar-se de a examinar. Nós decerto não faremos nenhum desserviço, indicando-a.

Os abusos do podêr clerical (a que mui de proposito lhe não damos o epitheto de ecclesiasti) podem haver até certo ponto justificado o empenho, com que se reagiu contra elle; e um dos pontos que mais ataques soffreu, foi a educação pelo clero. Ésta reacção confundiu homens, coisas, e principios; mas ja passou; e hoje nenhum homem sensato deixa de conhecer os serviços que o christianismo prestou, presta, e póde prestar para a felicidade das nações.

Os progressos da civilisação, e o fructo de um combate de tantos annos, tem destruido o perigo de se renovarem abusos taes. A igreja e o estado não são coisas que hoje se confundam, nem o nosso seculo deixará de alevantar-se contra aquella d'estas duas entidades que invadir as attribuições da outra: mas tambem o nosso seculo terá compaixão do que disser que sem religião a instrucção é verdadeira e capaz de felicitar a humanidade. Por conseguinte o nosso seculo concorda em que a instrucção deve ser religiosa; devendo começar com os primeiros rudimentos das sciencias, lettras e artes, o desenvolvimento e direcção do sentimento religioso innato nos nossos corações.

Havemos estabelecido éstas premissas para chegarmos ao ponto da questão.

A instrucção primaria elementar, e por assim dizer aquella sem a qual o homem não póde ser cidadão, póde, e entre nós, pela nossa falta de recursos em homens e coisas, deve, ser entregue aos parochos em todos aquelles pontos, em que circumstancias especiaes não dão remedio a similhantes males.

Fallâmos muito especialmente dos nossos campos certanejos, nos quaes a falta de communicações e pobreza dos habitantes, tornam impossivel o haver mestres que possam accudir a ésta necessidade do ensino.

O instituto de mestre de meninos adquiriria aos olhos dos nossos rusticos o character de um ministerio sagrado; e ésta idea não so é a verdadeira que se deve formar de um homem que deve esquecer-se de si para ensinar a creanças os primeiros elementos da vida moral, mas tem de mais a mais a vantagem de exaltar a coisa em si, o que nos parece da maior importancia, pois ninguem dará valor ao que é ensinado pelo mestre (quando ensina o que deve ensinar) se n'elle vir personificada a miseria, a ignorancia, e o abatimento moral. Julgâmos que um mestre com o ordenado que hoje tem os de primeiras lettras não póde suscitar outras ideas.

Se o mister de mestre da primeira infancia não desdiz, antes é condigno do ministerio d'aquelle que deve personalisar todas as sublimes maximas do Evangelho no exercicio de Pastor d'almas; e se ésta educação a elles confiada não póde trazer comsigo a theocracia, não póde haver contra o que propomos senão duas objecções. — Incapacidade litteraria ou moral dos parochos ruraes — falta de recursos para retribuir-lhes este acrescimo de trabalho.

Bem quizeramos podêr dizer que os factos respondiam victoriosamente á primeira, mas devemos á verdade a confissão da sua lamentavel existencia em muitos casos. Temos porém a nosso favor duas razões, que nos parecem terminantes.

Se (tantos quantos quizerem os contrarios) os parochos actuaes estão n'estas tristes circumstancias, quem hade ir substituil-os no ensino? Ninguem, pelo que ja dissemos. Por conseguinte entre alguma instrucção e nenhuma, da-se o infinito. E talvez que a occupação do ensino, e o receio de dar escandalo aos innocentinhos confiados á sua direcção destruissem muitas vezes desregramentos, que mais provém da ociosidade, e do isolamento social, do que da má indole. Em quanto á parte litteraria, mal de nós, se os seminarios e bispos, lhe não dão remedio; e em todo o caso mais facil é instruir alguns para que depois vão ensinar muitos, do que encontrar muitos ja instruidos.

D'este modo a primeira objecção não nos parece difficil de pulverisar.

Votâmos pela retribuição; mas é tambem este um dos lados, porque melhor se nos figura o que propomos. Um mestre qualquer não ve no ensino senão um modo de vida — *facio ut des* — por conseguinte calcula os seus trabalhos pela sua retribuição; ao passo que

(*) Rev. Acad. n.° 16 e 17.

o parocho no ensino cumpre um dever imposto por essa religião, de que elle é ministro, e que tem uma lei que lhe manda — *ensinar os ignorantes* — e por conseguinte não pesará so as conveniencias e trabalhos materiaes, esperajá que o cumprimento de mais este dever religioso so lhe será dignamente compensado onde elle tem de receber o premio de toda a sua sublime missão. Logo muito menos despeza do que a de um outro mestre.

E mesmo este augmento na sua congrua será mais voluntariamente pago pela vantagem que do seu destino tirarão os paes de familias.

Parece-nos portanto, que reunindo este systema as vantagens de levar a instrucção onde a não ha, nem por muito tempo será possivel por outro meio; havel-a ser mais economico que outro qualquer; mais moral e efficaz, e não tendo os inconvenientes de dar uma supremacia perigosa á influencia do corpo clerical, não é mau; se assim o não pensassemos não escreveriamos o que escrevemos.

S. B.

O SUPPLICIO DA FORCA.

eu! heu! quam male est extra gem viventibus.
Petron.—Satir.

399 A questão scientifica da pena de morte está hoje resolvida pela philosophia moderna. Taxados de paradoxistas os primeiros que a combateram, a sua doutrina passada ao crisol de uma analise rigorosa pelo profundo Bentham, o reformador da philosophia das leis, ficou demonstrada de verdadeira, de eminentemente moral, e conforme aos interesses superiores da humanidade.

Depois da questão puramente theorica, geral, e abstracta, levanta-se a questão pratica, e hipothetica — se no estado actual da civilisação d'este ou d'aquelle povo, convem ou não abolir a pena capital?

Não temos nós a vaidosa pertenção de decidir, relativamente ao povo portuguez, este ponto importante de discussão: lembraremos so, que os sistemas mais erroneos, as instituições mais repugnantes ao senso commum, quando tem lançado em um paiz as raizes do habito e da inveteração, tem sempre para acobertar-se o sophisma das circumstancias especiaes, da falta de illustração, do atrazamento moral etc. etc. Se em Portugal não tivesse havido genios, que elevando-se a toda a altura dos principios, e das grandes conveniencias sociaes, não cortassem de um so golpe estes nós gordios da politica pigmea e rotineira, nem nós tinhamos liberdade, nem muitas das reformas que nos reconduziram ao caminho da civilisação. Entretanto — o que ninguem hade constestar, é que n'esta transformação gradual que se vae operando, nas ideas, nos costumes, e na legislação de todos os povos, hade vir infallivelmente a abolição d'estas carnificinas legaes, para o que conspiram todas as illustrações do dia, os jurisconsultos, os philosophos, os poetas, por meio do raciocinio, e do sentimentalismo.

Nós fazemos votos para que a reforma do nosso codigo penal, do cruento liv. 5.° da Ord., d'essa nodoa de sangue que macúla ainda as paginas do novo sistema de leis; e um complexo de outras adequadas providencias legislativas, comportem no futuro a realisação de um facto, que hade honrar povo e govêrno, toda a geração d'essa epocha. Hoje, e emquanto éstas execuções de alta e irremissivel justiça forem permittidas, convem — reclama-o a razão a par da humanidade — que sem deixarem de produzir nos animos a impressão do terrôr, que é o seu objecto, affectem o mais rapido que seja possivel a sensibilidade do padecente. ' Tudo o que vae além da morte simples, dizia Montaigne, parece-me pura crueldade. Os tribunaes não devem esperar, que aquelle a quem o medo de morrer, de ser decapitado ou enforcado, não tiver cohibido, venha a sel-o pela imaginação do fogo lento. das tenazes. das rodas etc. Eu não sei se nós os não lançâmos na desesperação...' Todas as considerações, até mesmo as religiosas, se coadunam n'este ponto — na mais curta duração do padecimento.

Mas o supplicio da forca não preenche ésta condição tão universalmente exigida na execução da pena capital. O laço comprimindo obliquamente o collo do padecente, não lh'o aperta logo a ponto de subitamente lhe fazer cessar a respiração; o pêso do padecente e do seu verdugo é que vae estreitando o nó, e impedindo a communicação do ar; e para isso mesmo mais prompto se conseguir, é preciso que repetidos esforços do executor, cahindo e recahindo por muitas vezes sôbre os hombros do justiçado, consummem a estrangulação, e lhe acabem de todo a vida.

Este processo grosseiro, semiselvagem e brutal, da pena última, é barbaramente defeituoso por muitos principios: primeiro, porque dilatando o termo da execução, e associando ao padecimento da estrangulação outros tormentos causados pelos impulsos violentos do verdugo sôbre o justiçado, produz um excesso inutil de soffrimento, e converte a pena de morte de *simples* como a lei a considera, em rigorosamente *afflictiva*: segundo, porque variando a duração do soffrimento, conforme o pêso do padecente e do verdugo, e segundo mesmo a experiencia ou a dextreza d'este último, produz a *desigualdade* da pena, independente das differenças naturaes da sensibilidade dos justiçados; desigualdade que a theoria condemna. e não se conforma com o decreto da lei que inflige o mesmo, certo e determinado castigo: terceiro finalmente — porque a sentença, apezar da crueldade da operação, e ainda que se não dê a menor fraude no apparelho do supplicio, fica subjeita a falhar na sua execução, não se cumprindo pela morte do justiçado. Temos um caso recente que confirma ésta asserção.

No dia 24 de novembro foram executados n'esta cidade dois criminosos. Desejavamos informar o publico de todas as importantes particularidades do seu crime, que não cedeu em atrocidade ao commettido na casa do medico Andrade! Ainda nos horrorisa a recordação do expectaculo sanguinolento, que, na qualidade de juiz ordinario que então eramos d'este julgado, nos foi forçoso presenciar. Tres cadaveres degolados, banhados no seu proprio sangue, que alagava o pavimento: as mãos das victimas de fresco ainda pelo mesmo sangue estampadas nas paredes: uma senhora septuagenaria, um menino de doze annos, e uma creada de dezenove, barbaramente assassinados ás mãos de malvados infames, que nem sexo, nem idade, nem condição haviam respeitado; eis o quadro terrivel que se nos apresentou para examinar-

mos minuciosamente na manhan do dia 3 de abril de 1840! Seria longo o descrever os pormenores do plano e da execução do crime; diremos so que tivemos a fortuna de descubrir os seus aleivosos aggressores, um criado da casa, e outro que o era do filho da senhora assassinada; e que processados competentemente, e condemnados a pena ultima, foi a sua tremenda execução que espavorido presenciou pela primeira vez o povo de Tavira.

Um dos executados, a quem uma alma forte e energica e vinte e dois ou vinte e quatro annos de idade, lhe concentravam interiormente o vigor e a vida apezar do abatimento apparente da situação, coube áquelle dos algozes que veiu debutar no seu inhumano officio. Fosse falta de destreza, talvez commiseração propria do tirocinio do novo verdugo, ou extrema e superabundante vitalidade do executado, foi o facto, que depois do padecente haver passado por todo o barbaro processo do supplicio, o que levou um bom quarto de hora, conduzido ja para o cemiterio, observou-se que respirava ainda, e mostrava outros indicios certos de conservar a vida; deu-se parte á auctoridade judicial, e em quanto se resolvia o que convinha fazer n'aquella delicada conjunctura, houve tempo de verificar pela observação de immensa gente, e até mesmo do facultativo, que o justiçado estava vivo, porque continuava cada vez a respirar melhor, forcejava por desprender-se da corda que lhe atava os braços, conservava todo o brilho natural dos olhos, e até fazia esforços para responder quando o chamavam pelo nome.

Nós addusimos em prova da nossa intenção o facto como geralmente nol-o tem referido, e d'elle fazemos assim menção n'este artigo quando o commemorâmos; fosse porém mais ou menos longa a duração da vida e da sensibilidade do justiçado, é certo que aquella existencia vigorosa e renitente esteve a braços por longo tempo, lucton desesperadamente com o seu supplicio, que para requintar o soffrimento lhe fazia ainda possivel essa inutil resistencia.

Estremece-se de horror..... o coração contrahe-se pungido de incomportavel amargura, ao imaginar toda a intensidade dos tormentos, da dôr, da afflicção, da agonia, da raiva, da desesperação que dilaceraram o sentimento d'aquelle desgraçado, no espaço de quasi duas horas decorridas desde o começo da execução até que um tiro mandado dar por mão do carrasco lhe cortou para sempre a vida!!.....

A lei deve de uma vez prescrever o supplicio que offerece éstas eventualidades atrozes de que ha cem exemplos: atrozes para o padecente, a quem prolongam o tormento por um modo espantoso; atrozes para o povo, cuja anciedade e atribulação redobram, e se exacerbam, ao saber que o justiçado padece em transe de infernal agonia; atrozes, finalmente, quando as terminam desfechos similhantes, que deixaremos de commentar por não ser do nosso proposito; mas que equivalem a uma segunda execução, que a opinião geral, e antigas tradições associadas de sentimentos religiosos, decididamente reprovam e tornam impopular. Parece que a irmandade da Misericordia tinha em outro tempo o privilegio de salvar e proteger os padecntes cuja execução se havia frustrado; e nós não sabemos se muito boas razões philosophicas não vem em apoio d'esta prática, que purificada de abusos, deve produzir uma impressão salutar, e dar uma prova do alto e benefico podêr da religião.

Concluiremos por uma breve observação ácerca da acção que exerce o verdugo no processo da forca. So uma estupida coragem, antes depravada cobardia que se appraz com os tormentos de um homem indefeso, póde presenciar a sangue-frio os rudes tractos que padece o justiçado nas mãos do seu algoz. Aquelle tremendo arremeção do verdugo, ja sôbre a sua victima para fóra das escadas do patibulo, aquelles sacudimentos terriveis, aquelle recalcar impetuoso e successivo, em uma repugnante posição, sôbre os hombros do misero padecente, vistos, ou mesmo imaginados como nos acontece, revoltam e produzem uma amarga contorsão do sentimento em todo o coração humano e compassivo. O effeito natural d'esta impressão é, para o povo a *impopularidade* da pena; mas para o executor são mais graves as consequencias, porque o habito de atormentar assim os justiçados deve recrudescer o seu character, e converter em um malvado feroz o infeliz a quem um destino fatal, muitas vezes incomprehensivel, lançou no rol dos criminosos, e condemnou ao exercicio do mais odioso de todos os empregos.

Resumindo: nós intendemos que a lei, em quanto não derogasse para sempre a pena capital, deveria dar á sua execução a fórma mais simples e prompta, menos afflictiva para o padecente e mesmo para o público, e em que não interviesse tão directamente a acção do verdugo. Na Dinamarca acaba de ser substituida pela guilhotina, a decapitação ás mãos do algoz. Não diremos que a guilhotina seja preferivel á estrangulação; porque se bem a primeira tenha a seu favor o voto ponderoso de um Magendie e de outros phisiologistas e anatomicos de nome, por outra parte a opinião de homens tambem distinctos e competentes, e as observações feitas em individuos da nossa especie e das inferiores, induzem a crer que depois da decapitação conserva-se ainda por não pouco tempo a sensação e a vida. Adoptada porém a estrangulação, parece-nos que o garrote executado por machina, por modo analogo ao que, nos consta, se pratica em Hispanha, satisfaz as condições que havemos indicado. Seja este processo o mais rapido, ou descubra algum ingenho feliz outro que a todos os respeitos se lhe avantage, invocâmos o auxilio dos homens illustrados e philantropicos do paiz, para que quanto antes possa realizar-se o aperfeiçoamento de que se carece na fórma da execução da pena capital.

Tavíra 12 de dezembro de 1845.

José Joaquim de Mattos.

DO ENSINO E EXERCICIO DA PHARMACIA.

400 Concluiu-se finalmente a reunião do congresso medico de França feito em París, onde affluiram grande numero de medicos, pharmaceuticos, veterenarios, com o fim d'obterem do governo medidas legislativas, que augmentando a instrucção até ao ponto necessario e que hoje se julga possivel, e segurando uma existencia decente e independente aos individuos que exercem estes importantissimos ramos de serviço público — a saude dos povos que lhes é confiada, ache toda aquella garantia que é possivel dar-se, não so pelo saber e probidade d'esses individuos mas tambem pelo seu estado de independencia.

Comeffeito os membros das corporações medicas, pharmaceutica e veterenaria francezas, deram n'esta occasião a mais decedida prova do amor de classe que os adorna, e do quanto sabem avaliar a verdadeira posição d'estas uteis classes. Honra seja feita ao genio que dictou similhante expediente, assim como aos nobres sentimentos d'aquelles que o seguiram! Seus nomes deverão ficar indeleveis nas paginas da historia medica e pharmaceutica, pela sua obra, sem exemplo nos annaes da medicina e pharmacia, que deve exercer uma poderosa e duradoura influencia no futuro d'essas corporações. Ja publicámos o programma dos pontos sôbre que devia versar a discussão em relação ao ensino e exercicio da pharmacia, bem como dissemos que, commissões especiaes tinham sido encarregados de apresentar seus pareceres sôbre as diversas divizões que se tinham feito no mesmo programma.

A commissão encarregada da organisação do congresso conseguiu reunir acima de 4.700 adherentes, que compareceram ás sessões do mesmo congresso. E não so conseguiu as licenças necessarias para taes reuniões, mas até foi recebida com as maiores demonstrações de protecção pelo ministro d'instrucção publica, que lhe deu os maiores testemunhos de sympathia, bem como os do interior, agricultura e commercio, e o perfeito do Sena, de quem recebeu a mais generosa hospitalidade.

A sua primeira sessão teve logar no primeiro de novembro proximo passado, sob a presidencia do Sr. Serres, e começou por um sabio e elegante discurso do Sr. Amedeo Latour, secretario da commissão permanente: discurso que se torna notavel não so pela elegancia do estylo, mas ainda pela justiça e dignidade do pensamento, com que elle deu conta de todos os trabalhos da commissão permanente e o fim com que acabava de ser convocado este ajunctamento das classes medicas. Seguiu-se outro discurso do presidente, cheio de concisão e energia, e que foi applaudido com o maior enthuziasmo. Aquella illustre assembléa reconhecendo quanto é vantajoso e de justiça nivellar os differentes ramos das sciencias medicas, nomeou d'entre si um presidente, o Sr. Serres, cinco vice-presidentes, dos quaes um medico, dous pharmaceuticos, e dous veterenarios: nomeou igualmente seis secretarios, dous medicos, dous pharmaceuticos e dous veterenarios.

Repetiram-se depois em dias successivos as reuniões das diversas secções; e é para notar a effectividade, zêlo e exactidão com que foram sempre presentes ás sessões da secção de pharmacia: Bussy director da eschola de pharmacia, bem como seus professores os Srs. Guibourt, Cherelier e Soubeiran. Na primeira sessão da secção de pharmacia, que teve logar no dia treze de novembro, o Sr. Doudet, secretario geral d'esta secção, depois de fazer observar que todas as innovações introduzidas no ensino e legislação pharmaceutica, de 1830 para ca, tem sido em resultado de mui repetidas reclamações dos pharmaceuticos, passou a discutir diversos pontos do programma, cujas decisões talvez faremos ver.

Nas sessões do congresso geral assistiu o ministro d'instrucção publica, que no fim da leitura do relatorio geral fez um discurso que foi ouvido no meio do mais vivo enthusiasmo, *pela maneira como o ministro affiançara a protecção do governo a esta reunião, e pelo testemunho de sympathia que d'elle acabava de receber.* Em breve pois verão nossos collegas, pharmaceuticos francezes, coroados os seus esforços, satisfeitos os seus justos desejos e pertenções, premiados os seus trabalhos *por uma legislação nova, regular e propria da epocha em que vivemos*, e que longe de entorpeçer o genio dos novos aspirantes a pharmaceuticos, os animará a tornarem-se notaveis por seu estudo e applicação, e por consequencia uteis a si e ao paiz em que tiveram a fortuna de receber a vida.

Lisboa, 24 de janeiro de 1846

José Tedeschi.

ESTRADAS.

Pelos sinceros desejos que sinto de que se ache a verdade n'este importante assumpto, não tive dúvida em dar publicidade ao artigo seguinte, que discute outro da Redacção.

---

401 *Sr. Redactor* — Como vi no n.º 25 da Revista, de que constantemente tenho sido assignante, um bello artigo, a fim de se concertarem e fazerem mais estradas, nos suburbios d'essa cidade e concelhos confinantes, chegou-me a vontade de tambem dizer alguma coisa; e como cada um advoga os seus interesses, tambem me não ficará mal em advogar os meus e de toda a nação—se bem que interesse nenhum posso ja ter nas estradas, por velho e estropeado e não poder tranzitar por ellas; porém como pago e não pouco para o seu feitio e reforma, tenho todavia direito a que se gaste nas mais uteis e necessarias, e que mais proveito deem ao reino. Por isso lhe rogo lance na sua muito util Revista, sendo da sua approvação, o seguinte:

Parece que so Lisboa e Porto é que são Portugal, porque é onde, depois da restauração, se tem gasto muitos e grandes cabedaes; theatros e mais theatros, companhias nacionaes e extrangeiras, tudo feito á custa do thesoiro e provincias. Do mesmo modo estradas e mais estradas, até algumas de luxo e para divertimentos, e mudanças de outras; e nas provincias so se tem cuidado em lhe chupar o sangue, e beneficio nenhum até agora receberam que se veja. Um corpo com uma cabeça e um pé colossal, sendo pequeno, sêcco e definhado, não se póde conservar, por mal organisado; mas assim se acha este miseravel reino, e parece continuar o mesmo systema, até agora seguido. Goze muito embora Lisboa e Porto de novos e reedificados theatros, de boas companhias, de optimas estradas e commodidades, mas seja tudo feito á custa de quem goza, e não de quem não goza, nem d'isso recebe interesse algum. Fóra de Lisboa e Porto tambem ha gente, e que paga tantos e mais tributos que os de Lisboa e Porto, porque esses mesmos que se recebem nas alfandegas, o mais d'elles, são pagos pelos habitantes das provincias, que consommem esses generos que os produziram.

O auctor do artigo elogia muito a nova estrada que se vai abrir de Lisboa a Obidos, Caldas, Alcobaça, Leiria e Coimbra: bem mostra que não tem tranzitado pela Extremadura quem gaba similhante estrada! Eu digo que é, o dinheiro que o governo gasta n'ella, o mais mal gasto; e a vir a verificar-se, deveria ser a ultima que se fizesse no reino, por inutil e desnecessaria, pelas seguintes razões. A dita

estrada a que se chama — Novissima — ja existente e por sitio menos montanhoso, ninguem tranzita por ella, toda está cheia de relva, sem trilho, porque toda é pela beira-mar, nada por ella se transporta senão galinhas, que se vão vender a essa cidade: todos os transportes se fazem por agua, pelos portos de S. Martinho, Vieira, e Figueira: até Coimbra, de pé e acavalo não passa quasi ninguem, por ser toda deserta, falta de commodos, subjeita a assaltos de ladrões, como está continuamente acontecendo até aos proprios correios.

É muito mais longe de Lisboa a Coimbra pela novissima estrada do que pela velha, que se dirige de Coimbra ao Rabaçal, Ancião, Pruela, Golgan; e muito mais perto é pela do centro, que se dirige de Lisboa a Santarem, Golgan, Thomar, Cabaços, Espinhal, Ponte da Murcella, toda a Beira e Tras-os-Montes; que com um ramo de tres leguas, da ponte do Espinhal a Coimbra, ficaria aberta a communicação de Lisboa a Coimbra com menos de seis leguas de distancia, e com a vantagem de ser toda povoada, pelo centro do reino, e, querendo, embarcar na Barquinha, para caminhar mais de dezesette leguas por agua; e é por onde deverão correr os correios, como acontece quando ha movimento bellico, que por ella se transportam as tropas e bagagens do exercito, por ella continuamente tranzita gente de pé e acavallo, e com outra grande vantagem de poderem da Golgan dirigir-se a Abrantes, Caltello-Branco, Sobreira Formosa, toda a raia até Almeida: e preparadas ambas communica Lisboa pela primeira estrada com todas as provincias ao Norte do Tejo. Mas a dita de Thomar, que é a do centro, se acha de todo arruinada, que so no tempo do verão podem por ella, a muito custo, passar carros, porque ha occasiões que para se transportar um moio de milho, na distancia de quatro leguas, custa mais a despeza do transporte do que o custo do genero. Ora, do exposto, que é a pura verdade, se conhecerá qual d'estas estradas será a mais util, necessaria, e conveniente ao bem publico. Não será a do centro do reino? E qual deverá ter a preferencia? Não será ésta que abre as communicações da capital com todas as provincias do Norte do Tejo?

Tenho ouvido dizer que o governo tem abandonado ésta estrada em razão das enchentes dos campos da Golgan; mas frivolo pretexto, porque ella póde ser feita por fóra d'esses campos, e até muito distante, dirigindo-se da Atalaia, Pernes, e Santarem, por onde se faz passagem quando enche o campo, procurando-se uma linha recta: até por aqui ja passam os correios, e fica ao arbitrio de quem por ella tranzitar ir por ja ou pelos campos. O que se segue de tudo isto é, que o governo não tem tido exactas informações, e que lhe teem faltado á verdade.

Chão de Couce, 20 de aneiro de 1846. *Antonio Lopes do Rego.*

OBSERVAÇÕES POLITICO-SOCIAES.

402 Na Revista n.° 27 de 25 de dezembro passado, vem a brilhante descripção do bazar feito em casa do exm.° duque de Palmella; e depois de se elogiar os actos de philantropia dos personageus que concorreram para aquella reunião, lamenta-se que na capital não se encontrem muitas associações como essa. Lamenta-se, que não se encontrem os amigos e as senhoras por não haver onde vão. As lamentações do Sr. A. G. deviam despertar a curiosidade dos jornalistas e dos economistas, para se averiguar as causas d'estes transtornos, que devem fundar-se em erros ou costumes, que deverão reformar-se. Mas nada d'isto indagam os homens intendidos na materia, e se o sabem nada dizem que nos esclareça n'esta importante materia. Posto que os nossos economistas, e os que se lamentam, nos não indiquem, ao menos, as causas de tão grande falta de sociabilidade: nós que tambem estamos um pouco insociaveis e acanhados na epocha presente, diremos com tudo a nossa opinião sôbre a causa de se acharem os theatros principalmente quasi sempre desertos.

As causas d'este transtorno vem de longe, e prendem-se umas ás outras, para produzirem em Lisboa este isolamento e falta de reunião, entre muita gente que devia tractar-se e conviver, apparecendo em theatros e funcções. A primeira causa d'esta desordem é uma legislação excepcional e barbaresca, que torna Lisboa e termo pouco communicaveis entre si, e n'um quasi completo isolamento das povoações de todo o reino. Póde affirmar-se que hoje so vem das provincias a Lisboa quem tem uma necessidade absoluta de aqui vir: a gente de consideração, mais bem educada, e que possue mais meios, não apparece em Lisboa, porque soffrendo ha dois annos a ésta parte a diminuição, de metade em algumas terras e em outras um terço, no rendimento de suas casas, não lhe chegando para viver na patria, menos lhes póde dar para despezas de Lisboa, que por suas imposições municipaes, por tributos geraes, não póde estar em relação com as povoações do reino, que so possuem coisas que em alguns tempos do anno não se podem vender, e quasi sempre nas epochas de apurar dinheiro chega o proprietario, que não cava com a enchada, a ficar empenhado. É principalmente devida ésta desordem, e incommunicabilidade ás leis, que impoem direitos mais pesados sôbre muitos artigos e mercadorias, do que quando em 1807 e 1814 as bolças de toda a gente andavam cheias de oiro e prata. Ésta legislação barbara, juncta a uma fiscalisação venal, atroz e estupida, torna miseravel o termo de Lisboa, porque se lhe arranca em uma producção de tres, duas para o fiscos alem de vexames, que fazem morrer e definhar a producção ao nascer e desinvolver-se, que é a peior economia que póde dar-se. Portanto Lisboa e seu termo, que deviam ser o centro das grandes communicações, transacções e commercio de todo o reino, acham-se reduzidos a ser o centro da penuria, de miserias e grandes angustias. O povo que possuiu as maiores riquezas do mundo, que teve o commercio mais lucrativo que nunca houve em povo algum, acha-se reduzido, quasi que unicamente, ás transacções de Lisboa e termo, pagando tributos mais excessivos, do que em outra alguma epocha. Ha quem diga que os tributos que se pagam hoje são menores do que os do tempo dos dizimos. Se nos tornarem a dizer isto, em artigo proprio e detalhado demonstraremos que os tributos são hoje muito maiores.....

N'este lamentavel estado que quereis que faça a maior parte da gente com mesquinhos interesses do commercio, da agricultura e das artes? De fóra não pode vir gente a Lisboa, porque as despezas que se fazem aqui não estão em relação com os rendimentos e fortunas de fóra da capital; e o povo de Lisboa precisa econo-

mizar, e restringir as suas despezas, porque não tem lucros, bloqueado, como se acha por uma legislação insensata, e fiscalisação assoladora e atroz. Entrar na demonstração de cada uma d'estas afirmativas seria melhor, para se ficar em perfeita persuação, de que ésta doutrina é verdadeira, mas poupamo-nos a ésta tarefa, não so por causa do estylo em que se redige este jornal, mas porque a doutrina é bem comprehensivel. Uma das classes que devia apparecer nos theatros é a dos empregados, a qual por differentes razões não póde frequenta-los; e seja a 1.ª por falta de dinheiro, andando 5 mezes atrazados em pagamentos; e bastaria ésta razão, como a do outro que por varias razões não fez fogo, sendo a 1.ª por não ter polvora... Mas nós accrescentaremos que estando todos os theatros a grandes distancia da maior parte dos bairros da cidade é muito incommodo, principalmente no inverno ir á meia noite, ou depois, passear grandes distancias pelas ruas desertas, com subidas e descidas; finalmente a careza dos theatros, o excessivo preço não so das plateas mas dos camarotes, é a principal causa de elles se verem quasi sempre desertos. Julgo que não duvidareis de que são éstas as causas da falta de concorrencias nos theatros: sim, é a pobreza e falta de meios que dão este transtorno; e se quereis mais provas, ellas ahi vão. Em 1835 persuadiu quem hoje escreve éstas linhas que se diminuisse o elevado preço dos expectaculos, e que em San'Carlos se fizesse como em alguns theatros de França e Inglaterra, onde se admittem meios preços para os que vão de certas horas em diant: o que é necessario para os doentes, que não podem estar muito tempo no theatro, para os infastiados, que lhes custa aturar as recitas e intervallos intoleraveis de muitas horas; para os occupados e brincalhões, que são chamados a outros pontos, e não lhe é permittido estar meia noite n'um theatro. Estas idéas de conveniencia foram approvadas, e estabeleceu-se em San'Carlos o meio preço de 240 rs., porém esta saudavel mudança não durou, sem que se saiba o motivo; e fosse qual fosse, decerto não deu mais interesses áquelle theatro, porque em muitas noites entrava mais gente ao meio preço, do que no comêço do expectaculo.

Finalmente um dia de beneficio no Salitre nos tira todas as duvidas, porque a diminuição de preço em platea e camarotes, que os beneficiados admittem, faz com que se encham os camarotes e platea; o que não se vê nos outros dias em que continúa o preço da casa. O que não posso intender nem explicar-vos é, como duram e se perpetuam n'esta nossa terra tão maos costumes como este de conservar os expectaculos caros, quando em Paris capital do mundo civilisado, apparecem 15 ou 20 theatros de differentes preços sempre a trabalhar, principalmente no inverno, para divertir os pobres e os riccos. Mas na capital de Portugal estão tres theatros quasi sempre pouco frequentados: Paris tem um milhão de habitantes, e Lisboa trezentos mil, afora os muitos extrangeiros riccos e abastados. Se as que indicâmos não são as causas da falta de concorrencia nos theatros, indiquemnas os melhores intendedores, e mais sabios economistas.

B.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXX.

Historia de Sancta Iria segundo os chronistas e segundo o romance popular.

403 A milagrosa Sancta Iria — Sancta Irene — que deu o seu nome a Santarem, donzella nobre, natural da antiga Nabancia (1), e freira no convento dupplex (2) benedictino que pastoreava o sancto abbade Celio, floreceu pelos meados do septimo seculo. Namorou-se d'ella extremosamente o joven Britaldo, filho do conde on consul Castinaldo que governava aquellas terras, e não podendo conseguir nada de sua virtude, cahiu infêrmo de molestia que nenhum physico acertava a conhecer, quanto mais a curar.

É sabido que as mais sanctas lhes não pêza de que estejam a morrer por ellas; e, mais ou menos, sempre sympathisam com as victimas que fazem.

Sancta Iria resolveu consolar o pobre Britaldo; e ja que mais não podia por sua muita virtude, quiz ver se lhe tirava aquella louca paixão e o convertia. Sahiu uma bonita manhan do seu convento — que não guardavam ainda as freiras tam absoluta e estreita clausura — e foi-se a casa do namorado Britaldo.

Consolou como mulher e ralhou como sancta, e porfim, impondo-lhe na cabeça as lindas e bemdittas mãos, n'um instante o sarou de todo achaque do corpo; e se lhe não curou o d'alma tambem, pelo menos lh'o adormentou, que parecia acabado.

Mas como o demo, em chegando a entrar n'um corpo humano, parece que não sai d'elle senão para se ir metter em outro; tam depressa o inimigo deixou ao pobre Britaldo, como logo se foi incaixar em não menor personagem do que no monge Remigio, que era o mestre e director da bella Iria.

Arde o frade em concupiscencia, e não obtendo nada com rogos e lamentos, jurou vingar-se. Disfarçou porêm, fingiu-se emendado, e deu-lhe, quando ella menos cuidava, uma bebida de sua diabolica preparação, que apenas a sancta a havia tomado, lhe appareceram logo, e continuaram a crescer todos os signaes da mais apparente maternidade.

Corre a fama do supposto estado da donzella,

(1) Thomar.
(2) De frades e de freiras.

chovem as injúrias e os insultos dos que mais a tinham respeitado até então. E Britaldo, que se julga escarnecido pela hypocrisia d'aquella mulher artificiosa, em vez de a esquecer com desprêzo — sente reviver-lhe, senão tam pura, muito mais ardente, toda a antiga paixão.

Tam mysterioso é o coração do homem! — tam vil! dirão os asceticos — tam inexplicavel! direi eu com os mais tolerantes.

Novas tentativas, promessas, ameaças do furioso amante... A sancta resiste a tudo, forte na sua virtude.

Costumava a devota donzella ir todas as noites a uma occulta lapa que jazia no fim da cêrca e juncto ao rio Nabão, para alli estar mais so com Deus, e desabafar com Elle a sua vontade. Soube-o Britaldo, espreitou a occasião e alli a fez apunhalar por um seu criado de quem até a legenda nos conservou o nome para maior testimunho de verdade: chamava-se Banam.

Banam! é um verdadeiro nome de mellodrama.

Morta a innocente, Banam despiu-lhe o hábito e lançou o corpo ao rio, que depressa a levou ás arrebatadas correntes do Zezere em que desagua; e logo este ao Tejo — que defronte da antiga Scalabicastro lhe deu sepultura em suas louras areas, para maior glória da sancta e perpétua honra da nobillissima villa que hoje tem o seu nome.

Mas emquanto ia navegando o corpo da sancta, teve Celio, o abbade do convento, uma revelação que lhe descobriu toda a verdade e todos os milagres do caso; e communicando-a logo aos monges e ao povo de Nabancia, sahiu com todos de cruz alçada, e foi por esses campos da Golegan fóra até chegar á Ribeira de Santarem. Ahi benzendo as aguas do rio, éstas se retiraram cortezes e deixaram ver o sepulchro da santa que era de fino alabastro, obrado á maravha pelas mãos dos anjos.

Chegaram aopé do tumulo, abriram-n'o, viram e tocaram o corpo da sancta, mas não o poderam tirar, por mais deligencias que fizeram. Conheceu-se que era milagre; e contentando-se de levar reliquias dos cabellos e da tunica, voltaram todos para a sua terra.

As aguas tornaram a junctar-se e a correr como d'antes, e nunca mais se abriram senão d'ahi a seis seculos e meio, quando a boa rainha sancta Isabel, mulher d'el-rei D. Diniz, tam fervorosas orações fez aopé do rio pedindo á sancta que lhe apparecesse, que o rio tornou a abrir-se como o mar vermelho á voz de Moises, dizem os devotos chronistas, e patenteou o benditto sepulchro.

Entrou a sancta rainha a pé inchuto pelo rio dentro, seguida de seu real espôso e de toda a sua côrte; mas por mais que rezasse ella, e que trabalhassem os outros com todas as fôrças humanas, não poderam abrir o tumulo; quebraram todas as ferramentas, era impossivel. Desinganado el-rei de que um podêr sobrehumano não permittia que elle se abrisse, mandou a toda a pressa levantar um padrão muito alto sôbre o mesmo tumulo, e tam alto que o rio na maior enchente o não podesse cubrir.

O rio esperou com toda a paciencia que os pedreiros acabassem, e quando viu que podia continuar a correr, deu aviso, retiraram-se todos, tornaram a junctar-se as aguas e o padrão ficou sobresahindo por cima d'ellas.

Passaram mais tres seculos e meio; e no anno de 1644 a camara de Santarem mandou refazer de cantaria lavrada o ditto marco ou pedestal que não era se não de alvenaria, e pôr-lhe em cima a imagem da sancta.

Ainda la está, assás mal cuidado com tudo; la o vi com estes olhos peccadores no corrente mez de julho de 1843. Mas, sem milagre nem orações, o rio tinha-se retirado, havia muito, para um cantinho do seu leito, e o padrão estava perfeitamente em sêcco, e em sêcco está todo o anno até começarem as cheias.

Tal é, em fidelissimo resummo, a historia da Sancta Iria dos livros.

A das cantigas é, como ja disse, muito outra e muito mais simples; conta-se em duas palavras. A sancta está em casa de seus paes; um cavalleiro desconhecido, a quem dão pousada uma noite, levanta-se por horas mortas, rouba a descuidada e innocente donzella, foge a todo o correr de seu cavallo, e chegado a um descampado d'alli muito longe, pretende fazer-lhe violencia... A sancta resiste, elle mata-a. D'alli a annos passa por ahi o indigno cavalleiro, ve uma linda hermida levantada no proprio sitio onde commetteu o crime, pergunta de que sancta é, dizem-lhe que é de Sancta Iria. Elle cai de joelhos a pedir perdão á sancta, que lhe lança em rosto o seu peccado e o amaldiçoa.

E acabou a historia.

Sería o povo que se esqueceu nas suas tradições ou os frades que augmentaram nas suas escripturas? Pois a legenda monastica é realmente bella e cheia de poesia e romance, coisas que o povo não costuma desprezar.

É difficil de explicar-se este phenomeno, interessantissimo para qualquer observador não vulgar, que n'estas crenças do commum, n'estas antigualhas, desprezadas pela suberba philosophica dos nescios, quer estudar os homens e as nações e as edades onde ellas mais sinceramente se mostram e se deixam conhecer.

A extrema simplicidade do romance ou xacara de Sancta Iria, o ser elle d'entre todos os que andam na memoria do nosso povo, o mais geralmente sabido, e mais uniformente repettido em todos os districtos do reino, e com poucas variantes nas palavras, nenhuma no contexto, me faz crer que ésta seja das mais antigas composições não so da nossa lingua, mas de toda a peninsula. A phrase tem pouco sabor antigo: este é um d'aquelles poemas quasi aborigines que a tradição tem vindo entregando, e ao mesmo tempo traduzindo, de paes a filhos insensivelmente; e tambem não é porcerto dos que desceram do palacio ás choupanas e fugiram da cidade para as aldeas, como em muitos outros se conhece: este visivelmente nasceu nos arraiaes, nos oragos dos campos, e por lá tem vivido até agora.

A fórma metrica da composição é a que a phrase didatica das Hispanhas chamou *romance em endechas*, considerando cada copla composta de quatro versos e cada verso de seis syllabas. Eu, adoptando para elle, mais que para a fórma ordinaria do metro octosyllabo, a theoria do ingenhoso philologo allemão Deeping, tam benemerito da nossa litteratura peninsular, creio que estes são verdadeiros versos de dôze syllabas, e que as coplas não constam senão de dous versos cada uma, segundo a obvia significação da palavra. O povo cantando não separa os hemistychios d'estes versos como fazem os que os escrevem: e ao contrário nos romances da medida mais commum, o canto popular reparte distinctamente cada membro de oito syllabas sôbre si.

Tenho á vista sette cópias differentes vindas de várias terras do reino: e o meu texto foi composto pela collação de todas ellas. Não sei se me ingano, mas desconfio que as quatro coplas últimas, em que muda completamente a rhyma, sejam additamento posterior feito á cantiga original. Todavia estes oito versos apparecem, com ligeiras variantes, em toda a parte.

(*Continúa.*) *A. G.*

STATISTICA DRAMATICA.

404 No anno que findou (1845) tivemos cincoenta e um expectaculos novos nos theatros de Lisboa, o que dá quasi um expectaculo por semana, assim repartidos.

THEATRO DE SAN'CARLOS.

Sette operas: *Hernani* e os *Lombardos*, de Verdi, a *Marechale d'Ancre*, de Nini, *D. Sebastião*, a *Linda de Chamounix*, *D. Pasquale*, *Maria Padilha*, de Donizetti. Quatro danças: a *Aldean polaca* e o *Conscripto*, de Carrey, as *Illusões de um pintor* e a *Palmina*, do Sr. Martin.

Total — 11.

THEATRO DE D. MARIA II.

Uma comedia: *O Senhor de Dumbicky*, traduzida. Uma farça-lyrica, *O par de luvas*, original.

Total — 2.

THEATRO DA RUA-DOS-CONDES.

Treze dramas: *A praia dos naufragios*, o *Capitão Paulo*, a *Cidadella de Vincennes*, *Leão forte-espada*, a *Dama de Saint-Tropez*, a *Condessa d'Altemberg*, *Lady Seymour*, e *A justiça de Deus*, traduzidos; *D. Antonio de Portugal*, *Satanaz em Lisboa*, e *O tributo das cem donzellas*, imitados; *Brazia-parda*, e *A pobre das ruinas*, originaes. Sette farças: *D. Pantaleão*, *Os trez camarins*, *O cego*, *Uma intallação* e *As noticias diversas*, imitadas; *O caçador* (farça-lyrica) e *O dilema*, originaes.

Total — 20.

THEATRO DO SALITRE.

Nove dramas: *O naufragio da fragata Meduza*, *O adello*, *As orphas d'Antuerpia*, *Camões*, *Os estudantes de Paris*, *O homem da floresta-negra*, *A ciganinha*, *As ruinas de Babylonia*, *A abbadia de Penmark*, todos traduzidos. Duas magicas: *As pilulas do diabo* e *as Danaides*, traduzidas. Uma comedia: *O homem infastiado*, imitada. Duas farças: *As duas filhas para casar*, e *As trez tentações do diabo*, imitadas. Quatro danças: *A filha mal-guardada*, *O genio-mau*, *Vol-au-vent*, *A sonnambula*.

Total — 18.

D'esta analyse resulta, que o theatro de maior actividade foi o de San'Carlos, que em seis mezes deu onze expectaculos novos. Depois d'este vem o da Rua-dos-Condes, que deu vinte em todo o anno. Mas o de maior variedade é o do Salitre, ainda que foi o que deu menor número d'expectaculos novos. Vese tambem que em todo o anno se representaram apenas dois dramas originaes e tres farças; mas d'estas, duas foram lyricas, genero novo e difficil.

Accrescentarei este artigo com a lista dos dramas originaes impressos, depois da creação do Conservatorio real, (1837) que, digam la o que quizerem, foi quem deu impulso á arte entre nós — impulso que não foi continuado, ou a que tem falhado a direcção; mas que realmente o foi. Não são menos de trinta e trez dramas e sette farças; o que dá quasi cinco composições dramaticas por anno, afóra as manuscriptas.

Estas peças são: *O Alfageme*, *Almansor Aben-Afan*, *Aphonso III*, *Um Auto de Gil-Vicente*, *O captivo de Fez*, *O Cego na fonte de Sancta-Catharina*, *A Cigana*, *O Cigano*, *O Conde Andeiro*, *O Conde João*, *Diogo Tinoco*, *O Emparedado*, *Duas Filhas*, *Henriqueta ou o proscripto*, *O Homem da mascara negra*, *O Intrigante de Veneza*, *D. João I*, *O Judeu*, *Fr.*

Luiz de Sousa, *Lopo de Figueiredo*, *D. Maria Telles*, (não é o mesmo drama que ultimamente se representou, com este titulo, no theatro da Rua-dos-Condes) *O Marquez de Pombal ou 21 annos da sua administração*, *O Marquez de Pombal ou o terramoto de 1755*, *Um mez de ferias*, *A Moira*, *A Rainha e a Aventureira*, *Os dous Renegados*, *D. Rodrigo*, *O Sino das duas horas*, *D. Sisnando*, *Os Templarios*, *A Tomada de Santarem*, *Torquato Tasso*. Farças: *O Beijo* (lyrica), *O Caçador* (lyrica), *Um dia d'eleições em Lisboa*, *Os logros n'uma hospedaria*, *Um par de Luvas* (lyrica), *Um noivado em Friellas*, *Uma Scena de nossos dias*. Treze d'estes dramas e uma d'estas farças, não foram ainda representados em theatro nenhum publico.

De todos estes dados concluo eu a necessidade que temos de um theatro bem estabelecido, com obrigação de admittir as composições portuguezas que o mereçam, mediante certa indemnisação. Porque, de uma parte este estimulo, de outra a correcção do juizo público, hãode acabar por nos dar uma litteratura dramatica-nacional, que é o que nós ainda não temos, nem realmente se podia estabelecer de repente. Era necessario passar por tudo que temos passado. Primeiro, os rasgos das imaginações precoces; depois a indulgencia do Conservatorio; finalmente a severidade. Pois queriam que nós, sem litteratura dramatica e sem theatro, fizessemos mais do que se fez em França depois que Victor Hugo atirou á scena com o seu primeiro drama, e que começassemos logo pelo grau de prosperidade dos outros?! ...

Agora, agora com a creação do novo theatro. Deem bons direitos d'auctor, votem ovações academicas, confiram condecorações, aos escriptores que o souberem merecer (é o que ainda hoje se faz em França), reprovem, pateiem, censurem, o que não for bom; e eu lhes fico que o resultado será termos theatro nacional, como o ha em toda a parte, menos aqui, onde as inspirações se não vão buscar aos nossos costumes nem á observação attenta das nossas coisas, mas aos dramas franceezes e ao estudo da litteratura extrangeira.

—

O concurso das peças a premio para abertura do Theatro de D. Maria II, fechou-se no dia 31 do passado. Concorreram ao Conservatorio trinta e duas peças, cujos titulos são os seguintes:

Geraldo Sem-pavor — O Alcaide de Faro — A Innocencia ás bordas do Abysmo — Elisa — O Incognito — O Infante Sancto — D. João de Castro na India — Uma demão de patriotismo — A Doutora — A vespera de um desafio — Os mysterios do theatro de San'Carlos — Gabriella — Herança do Barbadão — A condeça d'Athouguia — O poder dos remorsos — Nova Astrea — A Orfãa e o Assassino — Cid-Achin — O Magriço — D. Branca — D. Leonor de Mendonça — Um episodio na Côrte de D. João III — D. Sancho II — Ignez e Constança — A mina de Diu — Luiz de Camões — Os Castellãos d'Abrantes — O governo de D. João de Castro na India — O Cura de Sancto Aleixo — A Feiticeira — Alva Estrella — Os Dous Nobres.

THEATRO-ITALIANO.

I.

405 Por edital da inspecção-geral dos theatros de 29 de janeiro, em virtude de uma portaria do ministerio do reino de 27 do mesmo mez, se acaba de pôr a concurso a empresa do theatro-italiano. Este objecto é importante, e a REVISTA não podia decorosamente eximir-se de tractar d'elle. A nossa imprensa periodica, infelizmente, despreza quasi sempre éstas questões d'arte, que prendem com os costumes e civilisação do paiz; e a este silencio, pouco airoso para ella, não merecido pelo assumpto e prejudicial ao publico, se devem em grande parte attribuir as incongruencias, os contrasensos, os transtornos de que ás vezes a mesma imprensa se tem queixado com acrimonia, e quasi sempre com mais ou menos razão.

Isto é uma das provas de que a imprensa periodica desdenha ainda em Portugal a sua missão. Não soube ainda conquistar entre o povo a consideração que lhe é devida. Os jornaes, quando se occupam de uma questão d'ésta natureza, ou a encaram *politica* ou *pessoalmente*, em ambos os casos com parcialidade. Se o assumpto é considerado politicamente, serve elle de pretexto a louvores ou vituperios á administração, segundo o *partido* do escriptor; se é considerado pessoalmente, a affeição ou o odio ás pessoas que n'elle podem ter interesse, decidem dos gabos ou menoscabo do objecto. D'este modo a questão é sempre vista por um prisma que produz falsas côres: a arte, as conveniencias publicas, são menospresadas — é como se não existissem — como se não fossem o primeiro o mais grave dos pontos em similhantes assumptos.

Ora, eu não sou impeccavel; ja todos o terão dito antes de eu o confessar: tenho tambem minhas sympathias politicas — não sei se *excentricas* ou não — e as minhas affeições, como tem toda a gente; mas protesto que a minha *carolisse* n'estas materias é tam poderosa que tem podêr para isolar-me do ambiente das paixões, e talvez que muita vez me suba ao *mundo da lua* para discutir um objecto que ja previamente tem sido tractado em familia pelos filhos da terra. Não sei se hoje estarei n'este caso: e fallo assim porque ainda que eu suba com a razão á lua, o coração fica-me na terra, contaminado da maldade contagiosa com que a nossa sociedade tem tocado a todos. Discuto de boa-fé é verdade, mas não desconheço os artificios, nem ha apparencia arteira que eu não tenha sufficiente malicia de suspeitar, muitas vezes ainda mesmo em coisas talvez bem sinceras. Ja se ve que não faço a minha apologia... Protesto pois que tractando do theatro italiano, como tenho tractado do theatro-nacional, eu *não tenho partido politico, nem conheço empresas passadas, presentes ou futuras*: digo o que intendo e como intendo; dou o meu fraco contingente para a solução de uma questão social. Oxalá que todos assim fizessem; porque é este o dever do escriptor público, e alguma idêa luminosa se poderia aproveitar, se quizessem, de uma discussão que d'este modo se poderia tornar importante. Eu porém respondo por mim.

Começo por louvar a resolução do ministro em entregar este negocio á inspecção-geral-dos-theatros. Com ésta repartição, assim como outra qualquer de serviço público, não ha, não póde, não deve haver outros termos mais do que abolil-as se ellas não prestam, ou se ellas convem fazel-as servir para o que foram creadas. Sahir d'aqui é um grave êrro de administração, sería um furto feito aos contribuintes.

Acontecimentos muito extraordinarios e anormaes, da transacta empresa, tinham feito, talvez precipitadamente, com que o governo-civil fosse intermedio para com o ministerio respectivo, n'um objecto que nada devêra ter *em si* com a policia, e que comeffeito á luz da boa razão nada tem que o ligue com ella. Terminados porém esses incidentes, e tornadas as coisas ao seu estado ordinario, era uma consequencia a intervenção da inspecção-geral dos theatros n'este negocio. O objecto *theatros*, considerado artistica ou administrativamente, em nada se póde complicar com a organisação policial do paiz. A policia n'um theatro é para a manutenção do socego público; seja qual fôr a categoria da *auctoridade policial* a quem se encarregue a vigilancia de um theatro segundo a importancia d'elle, as suas faculdades não podem extender-se além das que lhe são conferidas para outra qualquer reunião pública: essas faculdades, em duas palavras, pela natureza do cargo de que dimanam, referem-se unicamente aos *espectadores*, e nunca aos *espectaculos*.

Os theatros pois, como um dos ramos de Bellas-artes ou de administração do paiz, estão logicamente a cargo do ministerio do reino, e ou a superintendencia respectiva d'este ministerio se ha de exercer directa e immediatamente sôbre cada um dos theatros, ou por intervenção de uma auctoridade intermediaria. A primeira hypothese não se pratíca nunca, nem poderia n'este caso praticar-se. Em França, onde se buscam todos os modêlos de administração publica, e onde comeffeito ésta sciencia está bastante adiantada, ha no ministerio do reino uma secção especial, com o nome de secção de Bellas-Artes, a cujo cargo estão os theatros, e ha o *commissario-real* etc. Ésta organisação administrativa foi entre nós estabelecida com o mesmo pensamento, mas de fórma mais simples e ao que me parece mais vantajosa. Ao *commissario-real* deu-se ca o nome de Inspector-geral dos theatros com faculdades mais amplas: e assim como se creou uma academia de Bellas-Artes, para as artes do desenho, criou-se tambem uma academia de musica e Bellas-Lettras, especialmente destinada á *conservação* da arte dramatica em toda a sua extensão, e deu-se ao presidente effectivo d'esta academia, por uma consequencia logica, a inspecção geral dos theatros. O que faz em França n'um theatro o *commissario-real*, faz ou deve fazer ca em todos o Inspector-geral-dos-theatros; o que la faz a respectiva secção do ministerio do reino faz ou deve ca fazer a secretaria da inspecção-geral. Assim fica a acção administrativa exercida mais activa e immediatamente sôbre os theatros, e o ministerio do reino desembaraçado das pequenas coisas que todos os dias estão sobrevindo em cada theatro, que precisando de acção administrativa não são todavia bastante consideraveis para occuparem particularmente o ministro, a quem não sería possivel nem decoroso descer a empregar-se n'essas minucias de secundaria importancia.

Eu não sei se me tenho excedido ja demais tractando de um incidente, e por isso não adduso outras reflexões, nem os documentos officiaes que poderia produzir como documentos comprovativos de que o govêrno mesmo sempre assim considerou este objecto: uma e outra coisa deixarei para os artigos que tractam do nosso theatro-nacional, onde talvez isso cabe melhor:

Uma vez pois que parece que este negocio se quer levar pelo lado administrativo e pela parte competente d'elle, e não policialmente, eu tractarei d'este objecto n'alguns artigos que hão de seguir-se sem interrupção.

Ja depois d'este artigo ter sido composto na typographia, vejo no 'Diario' d'hoje (3) o *decreto regulamentar para administração dos theatros* de 30 de janeiro último. As suas disposições são segundo creio provisorias, como o indicam a sua fórma, as suas providencias, e a sua deficiencia. Tractarei d'estas disposições promiscuamente nos subsequentes artigos sôbre o theatro-nacional: no entanto um grande passo se deu ja n'este objecto—ha um ponto de partida, ha alguma coisa de definido e de mais positivo.

VARIEDADES

SOCIEDADE THALIA.

406 Um dos colaboradores d'este jornal, dos que mais estima merecem, serviu-se de communicar á Revista a seguinte nota sôbre o bello serão de 30 do passado nas salas e theatro da illustre sociedade que tomou o nome de Thalia.

E' um honroso documento da nossa civilisação e bom gôsto o estabelecimento e prosperidadede d'esta nobre sociedade. Composta pela maior parte de socios da mais elevada classe, entre outras qualidades que a distinguem, dá uma prova do mais galante cavalheirismo na homenagem que por seus estatutos se manda prestar ás decisões das Senhoras que são Socias, e que, por assim dizer, são as amaveis árbitras das resoluções da sociedade. Em quanto ao pensamente que lhe preside é quanto póde ser de illustrado e nobre. A arte é sobre modo honrada quando se divertem em exercel-a cavalheiros e damas, a quem o sangue e a posição social conferiram o sceptro da policia dos costumes e do bom-gosto social.

Mas sempre foi assim no nosso paiz. A arte dramatica nasceu no paço do mais poderoso e feliz dos nossos monarchas; e de então para ca, mais ou menos, a côrte costumou sempre divertir-se com este genero de festas. E' sabido que os nossos reis tinham um theatro em quasi todos os seus palacios. Não me permitte a occasião demorar-me mais n'este assumpto, alias digno de largo discurso; mas não heide concluir sem manifestar, quanto no meu conceito, sería digna de elogio uma representação lyrica na Sociedade Thalia: póde ser, e é muito natural, que a opera-portugueza chegasse a fundar-se, se o impulso para a criação d'ella viesse de um logar que por tantas razões deve exercer a maior influencia n'estes objectos.

A Sociedade Thalia deu no dia 30 de janeiro proximo passado uma recita no seu theatro, e um baile.

A direcção tinha-se empenhado para que nada faltasse, assim nos arranjos e ornatos da casa, como na disposição dos divertimentos da noite; e póde lisongear-se de que aquelle estabelecimento tem prosperado muito e promette ainda melhoramentos consideraveis.

Representaram-se duas peças, uma franceza outra

portugueza: em homenagem á modestia de cada um dos actores diremos apenas em geral, que a execução foi excellente, e que os applausos dos expectadores não podiam considerar-se como um acto de civilidade, mas sim como espontaneo tributo de admiração ao talento.

Perto das cinco horas da manhan ainda se dançava, e todavia ouvimos que não fôra este um dos bailes mais animados daquella casa!

Entre as sociedades de recreio estabelecidas em Lisboa, nenhuma tem um futuro tão brilhante como a Thalia. O numero dos seus socios ordinarios está preenchido, e se os estatutos forem alterados augmentando aquelle numero nenhum, dos nossos elegantes faltará a fazer-se propor como socio. É moda ser da Thalia. Contribue talvez poderosamente para isso a sociedade escolhida de pessoas que alli se reunem, a qual dá ás funcções d'aquella casa um brilho especial.

Quando dizemos *sociedade escolhida* estamos mui longe de dar a esta expressão o sentido bastardamente aristocratico que lhe attribuiria um *parvenu*; mas unicamente o que judiciosamente se lhe dá em toda a parte, em relação ao merecimento pessoal dos individuos, e ainda á posição social, que lh'o póde fazer suppôr: tudo o que não fôr isso é pieguice apenas desculpavel em crianças, ou em algum morgado de provincia dos que o Tolentino pintou com tanta graça.

Não é aqui o logar de decidir se ja está chegada a epocha do regresso social para o predominio aristocratico, porém muito de passagem permittam-nos que digamos aos *parvenus portuguezes* que não se esqueçam do logar que lhes caberia, se tudo isto voltasse ás suas antigas posições e, etc. etc. (1)

Entre os muitos louvores de que é merecedora a direcção da Thalia não é o menor o de saber comprehender e executar bem aquelle pensamento, reunindo alli uma grande parte da boa sociedade da capital, segundo o tempo e os acontecimentos do paiz, a tem constituido.

Ainda n'este mez deve haver outra função n'aquella casa, a qual é de esperar não seja menos divertida ou variada que a primeira.

A.

CORRESPONDENCIA.

407 *Sr. Redactor.* — Assignante de ha muito da Revista, ainda não deparei uma se vez com a commemoração do dia 14 d'este mez, de tanta gloria para as armas portuguezas, e de uma recordação orgulhosa para os habitantes d'Elvas. Ja se vê que fallo das linhas-d'Elvas, em que se perderam tantas vidas e em que se fizeram todos os sacrificios; mas que foram coroados com a maior victoria d'aquelles tempos. Faça V. o que não fizeram seus antecessores, commemorando tanto heroismo, para ser lembrado e imitado. N'essa occasião lamente V. como eu, o abandono d'esta festa-nacional e o escandalo com que se tem faltado a um voto, que a cidade fez na hora de afflicção. Uma missa cantada que nada custava, uma procissão, e um sermão cuja esmolla nunca excedia a 2$400 rs. é mesmo este pouco a que a camara tem faltado ha annos com grave escandalo publico. Se assentar que isto não merece a pena de referir-se, diga ao menos que recebeu ésta communicação que todavia não merece publicar-se.

Elvas 14 de janeiro de 1846.

Um Elvense.

(1) O nosse illustre colaborador não faz ésta reflexão por desforço, porque não é do número dos que tenham que soffrer com a circumstancia que lh'a suscitou, e por isso é ella tanto mais valiosa e sensata. Comtudo parece-nos que a palavra *aristocracia* não está aqui exactamente empregada; tiremos toda a idea de que o *absurdo* possa nunca ter pertenções a unir-se com similhante idea. A verdadeira aristocracia, quer volte quer não volte o seu predominio, será sempre benevola, civil em toda a parte, affavel com todos que o mereçam, como se prova por ésta mesma sociedade Thalia. A roda de *impertinentes* que começa agora a *criar-se*, e a que a reflexão do nosso colaborador se refere, dos que se pavoneiam de cabeça-alta, impertigados, e com isolamento affectado (o que dá muito que rir ao observador) não poderá nunca pertencer á classe distincta cujas virtudes, proprias e herdadas, são em todos os tempos respeitaveis.

Da R.

CORREIO EXTRANGEIRO.

408 O orçamento de França para 1847, dá um excesso de receita sôbre trez milhões de francos. O de 1846 tinha dado trez minhões e meio d'este mesmo excesso, e comtudo o ministro da fazenda acaba de declarar no parlamento que ja calculava o deficit d'este anno de 46 em 25 milhões (!).

Vão-se construir na Suecia tres linhas de carris-de-ferro: de Stockholm a Gottemberg, de Stockholm a Istad, e de Stockholm a Upsala e Gefflé, com diversas ramificações.

Tambem na Turquia não se falla senão em caminhos-de-ferro. — Trez ja estão em andamento, sendo o primeiro de Constantinopla a Smyrna, o segundo a Varna, e o terceiro a Adrianople.

O consul inglez na Norwega teve permissão para fazer construir um carril-de-ferro entre Christiania, Ojern e Aljosen,

O imperio d'Austria tem 500 mussulmanos, 13,000 armenios, 50,000 unitarios, 480,000 israelitas, 1,190,000 luteranos, 2,800,000 reformados, 3,040,000 gregos, 25,950,000 catholicos.

Em Constantinopla prohibiu-se a exportação de cereaes, pela grande escassez d'elles que se começa a sentir

Construem-se hoje em França cincoenta e sette monumentos, estatuas e bustos, a differentes personagens, quasi todos litteratos.

Os últimos jornaes dos Estados-Unidos trazem os relatorios dos differentes ministerios; pelo da Guerra vê-se que todo o exercito da União consta de 6,500 homens da 1.ª linha (!): pelo da Fazenda ve-se que o rendimento do thesouro em 1845 chegou a 26,769,133 dollars e a despeza do Estado foi de 20,968,206 dollars. (Cada dollar vale um pouco mais de 800 rs.)

CORREIO NACIONAL.

409 No dia 2 do corrente, anniversario da Eleição de Sua Santidade Gregorio XVI, fez celebrar Monsignor Di Pietro, Internuncio e Delegado apostolico, uma festa solemne na Igreja do Loreto; e á noite reuniu no seu palacio, em Buenos-ayres, um numeroso e brilhante concurso de pessoas das mais distinctas classes da sociedade, que quizeram tomar parte, em companhia de S. Ex.ª, na sua satisfação por tão grato anniversario. A affabilidade do Exm.º Internuncio, a sua grande instrucção, e o character conciliador e benevolo de que é dotado, lhe tem grangeado n'esta côrte as geraes sympathias, e o fazem considerar como uma das mais dignas capacidades que tem sido escolhidas para aqui representarem a côrte e Igreja de Roma.

As duas aulas da Sociedade d'instrucção primaria — Carmo e Barbadinhos — tiveram no anno findo 583 alumnos, sahiram para outros estudos, officios e empregos, ou por outros motivos, e por fallecimento, 176; ficam existindo 407. A despeza foi de 722$850 réis.

A Companhia 'Confiança-nacional' distribue 2$500 réis por cada acção de 100$000 réis, como dividendo do 2.º semestre de 1845.

Acha-se definitivamente constituida a Companhia 'Providencia' (seguros de vidas etc.). Os directores são: os Srs. Visconde de Ferreira, Felix Pereira de Magalhães, João Rebello da Costa Cabral, João Rodrigues Branco, e Claudio Adriano da Costa. O escriptorio é na rua do Alecrim.

Os jornaes das provincias queixam-se de alguns roubos e homicidios no Porto, Coimbra e outras terras.

Na noite de 2 do corrente deu-se no theatro de San' Carlos a nova opera de Ricci (Frederico) 'Corrado de Altamura.' A musica é bellissima, e a instrumentação uma das mais bem tractadas que conhecemos no estylo-italiano: o modo d'orchestrar parece ás vezes da *maneira* de Verdi. A falta de espaço nos não permittiu fallar hoje mais extensamente d'esta opera.

Ensaia-se no theatro do Salitre uma nova peça de carnaval, imitada do francez, a que se pôs o titulo da '*Tia Michaela* no serralho de Constantinopla.' Todos sabem que as facecias de muitos artigos do 'Periodico dos Pobres no Porto' tornaram popular ésta personagem da *tia Michaela*; se a peça tem allusão com ella, teremos muito que ver se em companhia da *tia Michaela* vão até á Turquia a *Ritinha*, o *Barbeiro*, e o nosso gordo amigo *Braz-Tizana!*

Ensaia-se no theatro de San'Carlos um novo bailete, que dizem de grande espectaculo, composição do Sr. Martin.

Por edital da Inspecção-geral dos theatros está aberto concurso por trinta dias para a empresa do theatro de San'Carlos. O concurso finda em 28 do corrente.

Por decreto regulamentar de 30 do passado, se discriminam as faculdades do Inspector-geral dos theatros, Governadores-civis e administradores de concelho, sobre objectos theatraes: prescrevem-se algumas disposições de legislação theatral: condecora-se com o titulo de *Theatro-nacional* o theatro de D. Maria II: ordena-se que a organisação seja administrativa e não por empreza: estabelece-se a sociedade de actores e um monte-pio: cria-se o logar de *Fiscal* com uma gratificação de 300$000 réis, e outra *igual* é concedida ao Inspector-geral dos theatros: é creado tambem um jury litterario para a censura e superitendencia artistica das peças, com a denominação de *commissão-inspectora*: estabelecem-se *medidas penaes* e *economicas*. E por decretos da mesma data é nomeado Fiscal o Sr. Luiz Augusto Rebello da Silva e vogaes da commissão-inspectora os Srs.: Antonio de Oliveira Marreca, Joaquim da Costa Cascaes, José da Silva Mendes Leal e Rodrigo de Lima Felner: assim como o jury que deve prover á escolha e apuramento dos artistas para o Theatro de D. Maria II, que será composto do Inspector-geral dos theatros e do Fiscal e vogaes da commissão inspectora.

O paquete d'Inglaterra que devia ter entrado no dia 23 do passado, entrou finalmente em 2 do corrente. Em 17 de janeiro estavam os fundos portuguezes em Londres a 59 $\frac{1}{4}$.

A 'Assemblea-philharmonica' deu o seu primeiro baile na noite de 31 do passado. A reunião foi numerosa de perto de novecentas pessoas; as salas e escadas estavam vistosamente adornadas; o serviço foi magnifico, e o baile esteve constantemente muito animado.

No dia 1.º do corrente foi sagrado na Igreja de Sancta-Maria de Belem o Sr. Arcebispo d'Evora, F. da M. de D. Annes de Carvalho. Assistiram Suas Magestades a este acto solemne que foi celebrado com toda a pompa e ceremonias do rito catholico.

Ainda bem que a moda parece este anno querer pôr em voga as *corridas do campo-grande*. Isto é apenas uma sombra confusa do famoso *sport* inglez; mas tudo começa de algum modo. As *corridas* deviam ser estimuladas até pelo govêrno e pela côrte, não é para agora especificar porquê. Ora, pelo lado do divertimento, o Campo-grande é um lindo sitio, que convida ao seu passeio e reclama o seu embellezamento... E' peccar contra o bom-gôsto não pôr na moda este divertimento.

Necrologia. — No dia 2 do corrente falleceu o Sr. Conde de Sobral. Hontem (3) fizeram-se-lhe todas as honras funebres, que lhe eram devidas como Conselheiro d'Estado, assistindo as tropas da guarnição etc.

O Sr. Joaquim O'Neill, distincto negociante da praça de Lisboa, falleceu tambem nos ultimos dias do mez passado.

Hontem (3) chegou outro paquete d'Inglaterra, o de 27 do passado. Os fundos portuguezes ficavam a 59.